

# editorial

É com muita satisfação que apresentamos ao leitor este número duplo, em comemoração aos 15 anos da revista *Cadernos de Campo*.

A presente edição consolida o projeto editorial que vem sendo construído há alguns anos. Publicação planejada com o intuito de “criar um espaço de discussão intelectual e integração acadêmica” (Editorial, nº 1), a *Cadernos de Campo* mantém sua vocação, trazendo contribuições sobre diferentes temas, produzidas por pesquisadores de diversas instituições do país e do exterior.

Ao longo destes anos, as modificações efetuadas na revista visaram, sobretudo, a adequação aos padrões nacionais de edição de publicações, como, por exemplo, às orientações do sistema *Qualis*, instrumento de avaliação de periódicos da CAPES. O resultado do esforço coletivo em atender aos critérios propostos nestas diretrizes traduz-se na boa conceituação na última avaliação trienal, quando obtivemos a classificação Nacional C (na avaliação anterior, a revista recebeu a classificação Local A).

Nesta edição, damos continuidade ao atendimento destes parâmetros, pois mais do que a padronização segundo o molde da agência de fomento à pesquisa, o referido instrumento nos deu balizas importantes para nosso aprimoramento editorial. E procuramos avançar, atendendo igualmente as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para publicações periódicas. Por esta razão, nesta

edição o leitor que acompanha a *Cadernos de Campo* notará pequenas alterações, ainda que significativas, especialmente na disposição gráfica de alguns elementos textuais e encontrará a sua disposição novas instruções sobre como submeter sua colaboração.

Convidamos o leitor a celebrar conosco o *début* da revista, acompanhando os diversos diálogos que as contribuições aqui publicadas nos propõem.

Nesta edição comemorativa, trazemos um caderno especial com textos inéditos e encomendados a alguns ex-editores, hoje profissionais atuantes em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Nossa idéia era prestar homenagem àqueles que já estiveram em nossa posição e trabalharam para que esta revista fosse publicada durante tanto tempo. Certamente não seria possível contar com a colaboração de todos os ex-editores (no final deste volume há uma lista que traz o nome de todos), mas deixamos representados aqui, de alguma maneira, 15 anos de debates, trocas e escolhas editoriais e acadêmicas.

Os artigos da seção especial trazem como eixo comum um tema de grande recorrência na revista: as possibilidades e os imponderáveis oferecidos pela prática da etnografia. Assim, Piero Leirner nos brinda com um ensaio sobre o modo como sua etnografia sobre o Exército brasileiro foi apropriada pela Polícia Militar de São Paulo, fazendo dela uma espécie de “manual de

instruções” para certos valores a serem defendidos pela corporação. Rose Satiko Hikiji, Edgar Teodoro da Cunha e Ana Lúcia Ferraz refletem sobre as práticas de utilização do vídeo na pesquisa etnográfica, trazendo, para isso, elementos de suas experiências com oficinas de vídeo efetuadas com jovens estudantes de música em um projeto social, índios Bororo e trabalhadores em autogestão. Fraya Frehse, por sua vez, discute o rendimento da etnografia para o estudo antropológico de temáticas históricas – no seu caso, ruas centrais de São Paulo na passagem do século XIX ao XX.

As questões levantadas por estes autores ecoam nas colaborações recebidas. Jessie Sklair, por exemplo, apresenta uma reflexão sobre os desafios que o trabalho da cineasta e teórica pós-colonial feminista Trinh T. Minh-ha traz para a antropologia visual e para o projeto antropológico; Daniel Pierri, ao interpretar aspectos da cosmologia tupinambá a partir de mitos transcritos nos relatos do viajante francês André Thevet, também oferece uma reflexão bastante afinada com aquela proposta por Frehse, a respeito da “perspectiva etnográfica”. Aliás, a combinação em dose certa da etnografia, entendida propriamente como o fazer antropológico, e da história, compreendida em termos nativos a partir da memória do parentesco é um dos motes do livro de Peter Gow, *Of Mixed Blood*, cuja tradução da introdução e conclusão é aqui publicada.

O ensaio de Gilmar Rocha adensa a discussão sobre o estatuto da etnografia e suas implicações para a Antropologia, construindo um texto de análise fortemente epistemológica. A reflexividade etnográfica ganha relevo e a obra de Marcel Mauss é tomada como um exemplo dileto. O tema da representação etnográfica é encontrado também no artigo de Julia Sauma, a partir de seu trabalho de campo com meninos e educadores de rua. Nele, a autora faz uso de perspectivas teórico-metodológicas que questionam e re-situam a “verdade” etnográfica.

Outros artigos publicados nesse volume da *Cadernos de Campo* apresentam descrições etnográficas densas que revelam aspectos, dinâmicas e sentidos à primeira vista inusitados. Um exemplo é dado por David Ivan Fleischer, que, partindo da etnografia, faz uma análise comparativa entre São Tomé das Letras e Lagoa Santa, em Minas Gerais, visando entender como, em cada uma dessas cidades, o turismo, a mineração e as iniciativas de preservação de patrimônios culturais se interrelacionam. Já Patricia Osório etnografa uma instituição que recria a experiência identitária do migrante nordestino em Brasília, acionada por meio da estética, da fala, da idéia de tradição, das representações, da refeição compartilhada, em um contexto dinâmico de modernização e de poesia popular.

Andrea Osório e Ivan Fontanari retratam faces de um público jovem em diferentes estados do Brasil. Ela pesquisa dois estúdios de tatuagem do Rio de Janeiro e defende como este desenho sobre a pele pode ser entendido como uma rebelião contra instâncias controladoras e como uma marca social de “posse de si”. Ivan Fontanari nos conta detalhes da *cena eletrônica* de Porto Alegre, analisando os múltiplos significados existentes no consumo que os jovens fazem de substâncias conhecidas como “psicoativas”.

Pela primeira vez, a *Cadernos de Campo* publica uma entrevista realizada por colaboradores externos. Foram entrevistados os professores Eduardo Viveiros de Castro e Marcio Goldman e o mote da conversa foi a *Rede Abaeté de antropologia simétrica*, quais os objetivos, inspirações e novidades que a rede propõe a antropólogos e demais interessados. Influenciados pela *Rede Abaeté* que, em termos gerais, consiste numa rede de associações que explora inovadoras conexões para a produção de uma antropologia simétrica, tendo no *wiki* o seu método, a entrevista é apresentada de maneira pouco usual. As falas de ambos os entrevistados encontram-se

propositalmente fundidas e as intervenções dos entrevistadores não compõem o corpo do texto, organizado por palavras-chave que estruturam o argumento. Há um esforço nesse formato para a experimentação de uma multiplicidade autoral, afinada com as reflexões teóricas e metodológicas que animam a entrevista.

Aproveitando os caminhos e os formatos que a *wiki* Abaeté nos trouxe, publicamos um artigo de Eduardo Viveiros de Castro, que se encontra “pendurado” na rede. O texto traz a discussão sobre cosmologia e xamanismo na Amazônia, apontando para algumas especificidades dos modelos de percepção e conhecimento das culturas ameríndias, a partir de uma narrativa do pensador e líder político yanomami, Davi Kopenawa.

Um dos inspiradores da Abaeté, Bruno Latour, autor do termo *antropologia simétrica*, também integra a edição de aniversário da revista, com a publicação da tradução de seu texto “A prologue in form of a dialog between a Student and his (somewhat) Socratic Professor”, texto que inspirou Stelio Marras a prosseguir o diálogo e as discussões teórico-metodológicas do renomado e, por vezes controverso, autor.

Se redes e etnografias entoaram esta edição de *Cadernos de Campo* até aqui, vale mencionar a presença de um tema importante, que vem ganhando destaque em noticiários, dissertações e debates públicos: a questão quilombola. O ensaio fotográfico “Alto da Serra”, de Fabiene Gama, traz espaços, rostos e memórias de uma comunidade quilombola do município de Rio Claro/RJ. Na seção “Informe” trazemos uma síntese das últimas ações da Comissão Pró-Índio de São Paulo, organização não-governamental que atua junto à causa quilombola desde 1988, quando os então chamados grupos remanescentes de quilombos adquiriram o direito à propriedade coletiva de suas terras. O trabalho que a Comissão Pró-Índio de São Paulo vem efetuando na luta pela garantia des-

se direito constitucional encontra, nesta revista, um espaço para divulgação junto à comunidade acadêmica.

A luta por reconhecimento e por direitos por qual passam as comunidades de quilombo encontra no artigo de Nancy Fraser a busca por uma teorização crítica, que pese tanto as políticas culturais da diferença quanto as políticas sociais da igualdade. A autora traz ainda uma grande contribuição para Antropologia ao problematizar o conceito de cultura presente em algumas “políticas de reconhecimento”.

A multiplicidade de abordagens também está presente na seção “Resenhas”. A edição conta com sete avaliações críticas de livros recentemente lançados no Brasil e no exterior.

Nossa alegria, porém, só não é completa em virtude de duas importantes perdas ocorridas em 2006, durante a preparação desta edição. A primeira delas, a de Roberto Cardoso de Oliveira. Professor Titular da UNICAMP e professor visitante em inúmeras instituições de ensino nacionais e internacionais, Cardoso de Oliveira ofereceu importante contribuição para o desenvolvimento da Antropologia brasileira. Marcou presença entre os editores da *Cadernos de Campo* em 1996, por meio de uma gentil entrevista (publicada na edição nº 5/6). Nela, discorreu sobre o início da carreira, sobre autores como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro e os estudos sobre etnicidade, entre outros assuntos. Celso Azzan Jr. recorda a convivência com o mestre, no texto “Memória de um professor (em três atos)”.

Outra perda significativa foi a de Clifford Geertz. Professor emérito do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, o antropólogo cuja obra hoje é considerada leitura obrigatória em diversos cursos de ciências humanas, esteve presente nas edições de *Cadernos de Campo* de diferentes modos, como membro de nosso Conselho Editorial ou suscitando temas de ensaios e debates teóricos. Além

dos diversos artigos inspirados pelas reflexões geertzianas, a revista também publicou contribuições que tiveram por objeto ensaios do autor. Em nosso segundo número, por exemplo, apresentamos a resenha de *El antropólogo como autor*, edição espanhola de *Works and Lives: The Anthropologist as Author*, de 1988. O primeiro e o último capítulo deste livro foram, aliás, traduzidos e publicados na *Cadernos de Campo* nº 07 - antecipando em cinco anos a edição brasileira de *Obras e Vidas*. Em 2004, foi publicada na *Cadernos de Campo* nº 12 o ensaio “*O Selvagem Cerebral: sobre a obra de Claude Lévi-Strauss*”, capítulo que consta da versão original mas não integrou a edição brasileira de *A interpretação das culturas*.

Trazer ao leitor esse número bastante ampliado de artigos, ensaios, traduções e resenhas só foi possível pela ajuda de muitas pessoas, ao longo de 2006. Gostaríamos de agradecer, deste modo, aos professores que compõem o Conselho Editorial da revista e aos professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP, pelo apoio recebido em diversas ocasiões; à equipe da Biblioteca Florestan

Fernandes (FFLCH/USP), representadas por sua diretora técnica, Sonia Marisa Luchetti, pelo apoio na tarefa de adequação às normas da ABNT; e à Leonilda (Nilda) Pais, da Editora Humanitas, pela parceria da distribuição da revista nas feiras de livros ocorridas em 2006. Aos professores e pesquisadores de diferentes instituições no país que atuaram como pareceristas, pela competência e pelos ricos momentos de aprendizagem proporcionados por seus pareceres. A todos os colaboradores desse número duplo, pelo interesse no projeto editorial e pela paciência da espera do trabalho de edição. E, sobretudo, a todos os ex-editores da *Cadernos de Campo*, pela sua dedicação àquela que foi a primeira revista editada por alunos de Pós-graduação em Antropologia no país.

Brindemos, assim, a todos que fizeram parte dessa história – editores, autores, revisores, diagramadores, pareceristas, entrevistadores, conselheiros, professores, alunos, leitores – e que fazem desta revista, atualmente, um espaço para divulgação do debate antropológico no país.

Boa leitura!